

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

RODRIGO BARTOS DE FREITAS LEITÃO

**Jejuka: o suicídio kaiowá a partir da perspectiva da fenomenologia  
existencial**

**São Paulo**

**2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde**

**Curso de Psicologia**

**Jejuka: o suicídio kaiowá a partir da perspectiva da fenomenologia existencial**

**Trabalho de conclusão de curso como  
exigência parcial para a graduação no curso de  
Psicologia, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana  
Szymanski Ribeiro Gomes**

**São Paulo**

**2022**

## **Agradecimentos**

Queria começar agradecendo primeiramente a minha orientadora, sem ela esse trabalho nunca teria sido concluído a tempo.

Preciso agradecer a Lorena, minha melhor amiga e que me ajudou em muitos momentos de crise.

Queria agradecer a todos os integrantes da Semana de Fenomenologia da PUC-SP, que abriram uma visão que mudou muito o curso que esse trabalho levou.

Um agradecimento aos amigos que pude fazer nessa faculdade.

## RESUMO

Jejuka: o suicídio kaiowá a partir da perspectiva da fenomenologia existencial

Rodrigo Bartos de Freitas Leitão

Profª Drª Luciana Szymanski Ribeiro Gomes

2022

No presente artigo discutimos sobre o modo como a morte e o suicídio é visto na cultura brasileira e mais especificamente na cultura kaiowá. Para tanto, além da revisão bibliográfica utilizamos alguns aspectos do livro Analítica do Sentido de Dulce Critell para uma compreensão do fenômeno morte e suicídio nessa cultura. A análise dos dados encontrados foi feita a partir da psicologia fenomenológica existencial heideggeriana, buscando o encontro dos conceitos propostos por Heidegger em relação à existência humana com o modo que uma forma específica de morte se apresenta na perspectiva kaiowá. A pesquisa encontrou diversos conceitos kaiowá que se aproximam da fenomenologia heideggeriana, principalmente em relação aos conceitos de Dasein como abertura, consciência do ser para a morte, e impessoalidade. Além disso, ao longo da pesquisa foi encontrado que diversos artigos colocam que está ocorrendo uma mudança forçada no modo de vida kaiowá por conta de violências vividas.

**Palavras-chave: Suicídio, Fenomenologia existencial, Cultura, Morte**

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	<b>5</b>
<b>2. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO</b>	<b>7</b>
<b>3. ALGUNS ASPECTOS DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA: EM FOCO O SER PARA MORTE</b>	<b>9</b>
<b>4. O MODELO BIOMÉDICO</b>	<b>13</b>
<b>5. A VISÃO DA MORTE E SUICÍDIO NO BRASIL</b>	<b>14</b>
<b>5.1. Morte e suicídio no Brasil</b>	<b>14</b>
<b>5.2 Alguns aspectos sobre a etnia guarani-kaiowá</b>	<b>16</b>
<b>5.3 A visão do suicídio para os Guarani-Kaiowá</b>	<b>18</b>
<b>6. ANÁLISE: INTERPRETANDO A CULTURA KAIOWÁ A LUZ DO PENSAMENTO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL</b>	<b>24</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES PARA PESQUISAS FUTURAS</b>	<b>28</b>
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>29</b>

## 1 PREFÁCIO

Suicídio é considerado um tema tabu historicamente, então por que a escolha desse tema para um trabalho de fechamento de curso? Acredito que um dos papéis da psicologia seja o de trabalhar com qualquer assunto a fim de inclusive derrubar certos tabus. Falar sobre morte e suicídio é tirar o véu do tabu e poder dizer sobre como esses assuntos afetam a vida, visto que a morte, por exemplo, é incontornável, portanto fugir do assunto não resulta na fuga do destino maior, fuga essa que *“é destinada a evitar a fatalidade da morte, a superá-la negando, de alguma maneira, que seja o último destino do homem”* (Becker, 1977, p.10).

Pessoalmente o tema me foi muito importante e, apesar de muitos acharem difícil de se trabalhar, para mim é o exato contrário, pois sempre tive facilidade em lidar com o assunto e principalmente com a morte, tendo visto a morte de perto diversas vezes: perdi meus dois avôs maternos em um intervalo de 2 anos, o meu avô quando eu estava terminando o vestibular, tendo acompanhado todo o seu processo de adoecimento.

Ao longo de todo curso, soube que suicídio seria o tema principal que gostaria de estudar, assim como assuntos próximos dele como a morte, eutanásia e afins. Sendo assim, fui me aproximando quase que naturalmente da fenomenologia, principalmente do seu modo de abordar a morte e a finitude.

Por fim, não penso que algum dia serão assuntos resolvidos, mas sim que a aproximação desses fenômenos pode nos permitir uma relação mais saudável não só com a nossa própria finitude, mas também com o nosso vir-a-ser de cada dia. Afinal é a morte que dá o sentido para a vida.

Sabemos que a morte, em suas múltiplas possibilidades, é compreendida de formas diferentes nas diversas culturas. Assim, interessa-me investigar a cultura kaiowa partir da perspectiva de uma possibilidade específica da morte que é o suicídio, o que nos leva ao problema da presente pesquisa que é entender como se dá a compreensão do suicídio em culturas diferentes.

Para entender melhor o modo como esse fenômeno se apresenta o trabalho se debruçou em cima da cultura brasileira e da etnia Kaiowá sobre a qual falaremos no item 4.2 intitulado “A visão do suicídio para os Guarani-Kaiowá” , visto que é o país onde vivo e que no Brasil, assim como em muitos outros países, as taxas de suicídio indígena quando comparadas a taxa de suicídio nacional são bem mais elevadas, merecendo uma atenção especial.

## 2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O presente trabalho busca se aproximar do método da fenomenologia existencial, utilizando como base teórica os princípios apresentados por Critelli (1996), entendendo que uma investigação deve colocar uma pergunta acerca do real para saber algo dele mesmo, afinal, não se faz uma compreensão do real a partir de algo que já se sabe.

A pergunta a ser feita, portanto, é o que e como algo é, sendo que ela não surge em um âmbito de neutralidade, afinal, perguntar acerca de algo sempre é feito a partir de um determinado contexto. Nesse sentido, Critelli (1996) indica que:

Todo interrogar pelo ser (de algo, que é o que constitui qualquer investigação) tem sempre uma *prévia* interpretação de ser que o orienta. E uma interpretação de ser que se desdobra em três elementos ou dimensões: uma *prévia compreensão do que seja ser*: não posso perguntar pelo ser de algo se não sei o que é *ser*; uma *prévia noção de um lugar de acontecimento* onde e sob que aspecto este ser se aloca e se torna acessível à compreensão, onde pode ser encontrado; uma *prévia compreensão do horizonte de explicitação* onde este ser buscado ganha sua mais genuína e fidedigna possibilidade de expressão. Estes três elementos vão fazer com que o perguntar seja, efetivamente, uma investigação e, simultaneamente, uma vez que claramente explicitados, vão delimitar se é uma investigação de orientação metafísica ou fenomenológica, portanto, (CRITELLI, 1996, p. 27-28).

Em relação ao tema deste trabalho, essas dimensões podem ser entendidas da seguinte forma. Quanto compreensão do ser, perguntar acerca do suicídio é pressupor que ele pode ser entendido para além da definição biomédica; enquanto lugar de acontecimentos entende-se que o fenômeno localiza-se em diferentes culturas, entretanto aqui olharemos para a kaiowa com maior atenção; por fim em relação ao horizonte de explicitação, parte-se da história e cultura do Brasil e mais especificamente da etnia estudada.

Para este trabalho, foi feita a análise do modo como a comunidade Kaiowá enxerga o fenômeno a ser estudado. Para isso, foi preciso primeiramente definir quais seria a comunidade a ser analisada que foram: a etnia Kayowá, que apresenta uma visão bem diferente do suicídio da visão biomédica, sendo essa etnia uma das mais estudadas quando se trata desse assunto. No entanto, não é possível falar



desta etnia sem contextualizá-la no nosso país e na atual conjuntura. Outra razão para a escolha de uma etnia indígena é o fato de que o número de suicídios entre esses povos indígenas é maior (Silviken, 2009; Olson e Wahab, 2006) apud Souza e Ferreira 2014 quando comparado à população geral, o A trajetória apresentada neste trabalho será de conceituar o que é ser-para-a-morte, passando para a visão acerca da morte no Brasil e a visão do suicídio para a etnia Kaiowá, e depois analisando este caminho pelo referencial teórico da fenomenologia existencial.

### **3 ALGUNS ASPECTOS DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA: EM FOCO SER PARA MORTE**

O embasamento do trabalho foi feito a partir da abordagem da fenomenologia existencial heideggeriana, visto que ela apresenta um olhar acerca do sentido existencial dos fenômenos, sendo assim, há a necessidade definir alguns conceitos importantes dessa abordagem para compreender melhor o fenômeno que esse trabalho se propõe a estudar.

Heidegger (1927) em seu livro *Ser e Tempo* compreende a existência a partir de duas dimensões sendo elas: a ôntica e a ontológica. A primeira sendo relativa ao lugar onde os todos os fenômenos acontecem e a segunda é a dimensão que permite os fenômenos se manifestarem pois sustenta as possibilidades do ser.

A partir dessa compreensão, o autor busca entender algumas condições ontológicas fundamentais, sendo a principal delas: a noção de *Dasein* ou ser-aí. Essa condição diz respeito à existência humana enquanto seres no mundo, abertos em relação às possibilidades compreensivas deste mundo. Dessa forma o ser humano é um dos possíveis modos ônticos do *Dasein*, ou seja, todo ser humano é um *Dasein*, mas nem todo *Dasein* é um ser humano. Sendo entes ontologicamente abertos, o *Dasein* vai se constituindo a partir de sua relação com outros humanos.

*Dasein*, nessa abordagem, é entendido como um ser singular, diferente dos outros entes exatamente por conta dessa abertura em relação às possibilidades, visto que esses outros entes são ontologicamente determinados. Ou seja, nessa lógica o *Dasein* não apresenta nenhuma essência ontologicamente, sendo livre para se construir enquanto acontece perante o mundo, processo esse que ocorre durante

a vida toda. E é exatamente por conta desse processo que podemos questionar acerca do nosso sentido de ser e da própria vida.

Na dimensão ôntica, essa liberdade não existe, pois aqui somos influenciados pela trama do impessoal, que é uma rede que produz sedimentações de sentido de mundo produzindo determinações da nossa existência. Segundo Heidegger:

O *Dasein* nunca consegue subtrair-se a essa interpretação cotidiana em que ele cresce. (...) O predomínio da interpretação pública já decidiu e até mesmo sobre as possibilidades de sintonização com o humor, isto é, sobre o modo fundamental em que o *Dasein* é tocado pelo mundo. O impessoal prescreve a disposição e determina o quê e como se vê. (Heidegger, 1927)

O impessoal, portanto, distancia *Dasein* do seu próprio ser, criando e modificando desejos no âmbito ôntico nos afastando do nosso si mesmo mais próprio, mesmo que se acredite que está vivendo como ele mesmo quer.

É necessário ressaltar que embora essa rede de impessoalidade vigore no mundo contemporâneo, *Dasein* não deve ser considerado um ente passivo que recebe o mundo e o integra. Ele é aberto para o mundo e é um ser que questiona suas próprias possibilidades.

Outro ponto importante é que a impessoalidade afasta o *Dasein* da sua condição ontológica fundamental de angústia advinda da consciência de sua própria finitude.

Essa certeza da morte traz consigo sofrimento, por sabermos que somos finitos, e por isso, temos que lidar com a nossa existência a todo momento, sem saber como, apenas tendo a certeza do nosso fim. Ser um *Dasein* é ser um ente que compreende a existência a partir do seu final. E ontologicamente falando essa compreensão faz com que a vida como um todo vire uma tarefa de ter de ser gerando como consequência sofrimento.

Esse sofrimento torna evidente a preocupação como um existencial da dimensão ontológica do cuidado. *Dasein* não tem como escapar da sua condição de sempre ter de cuidar do seu existir. E esse sofrimento se apresenta nas duas dimensões, tanto a ôntica quanto a ontológica. Na primeira, ele aparece em relação às dificuldades de realização na nossa relação com o mundo, com as coisas e com as outras pessoas, a partir do que é esperado de nós. E na segunda dimensão

somos atravessados pelo sofrimento exatamente por conta da tarefa de ter de ser sempre.

O sofrimento, portanto, é parte da existência humana. Sendo impossível e até mesmo indesejável tentar eliminá-lo visto que isso significa anular a própria abertura do *Dasein*, portanto, uma tarefa possível seria trabalhar como lidar com esse sofrimento e atribuir sentidos a nossa vivência.

Em relação a questão do cuidado em relação ao próprio existir Heidegger (1927) coloca que:

“A morte é uma possibilidade ontológica que a própria presença sempre tem de assumir. Com a morte, a própria presença é impendente em seu poder ser mais próprio. Nessa possibilidade, o que está em jogo para a presença é pura e simplesmente seu ser-no-mundo. Sua morte é a possibilidade de poder não mais estar presente.” (HEIDEGGER, 1927, p. 32)

O trecho acima demonstra o quanto a morte como fenômeno nos abre em relação ao sentido da própria vida, sendo necessário uma análise aprofundada acerca do fenômeno.

O ser-aí nasce em abertura, a partir de três condições ontológicas ou três existenciais: compreensão, que se refere ao movimento de estar sempre sendo; a linguagem enquanto discurso e possibilidade de simbolização; e as tonalidades afetivas que são modos com os quais nos relacionamos com o mundo. A abertura, portanto, perpassa por essas três condições.

Em relação a essa última condição tem-se que a angústia, culpa e tédio são consideradas tonalidades afetivas fundamentais, sendo um modo de abertura do ser-aí em relação ao seu si mesmo mais próprio. A primeira delas se relaciona diretamente com a nossa consciência da morte e o ter de ser. Ou seja, toda a angústia ontológica está ligada à nossa finitude e à nadaidade, ou seja, a falta de essência do ser humano. Essa angústia pode se apresentar de duas maneiras: a improdutiva quando a angústia é tão forte que a pessoa não suporta lidar com ela e nem se distrair na trama do impessoal ou produtiva quando se alinha com essa questão do ser para a morte e nos faz tecer os sentidos de nossas vidas. É possível compreender essa angústia improdutiva como transtorno a partir do momento que se entende um esvaziamento no sentido da vida da pessoa e uma falta de possibilidade de combater esse esvaziamento.

A culpa ontológica provém de uma dívida que temos conosco. No sentido de sermos de uma forma e ter de renunciar outro modo de ser, ou seja, temos uma

dívida por termos nos abertos a um modo de ser e não outro, o que poderíamos ser e não somos. A culpa se relaciona com termos de escolher sem saber o porquê, o que seria melhor e da possibilidade de não sermos o nosso si mesmo mais próprio. A angústia se relaciona, portanto, com a incerteza do futuro e a culpa com aquilo que poderia ter sido no passado. Por fim, a tonalidade afetiva fundamental do tédio tem relação com o tempo presente, em uma sensação que o tempo não passa tornando tudo insuportável.

As tonalidades afetivas se referem, portanto, à maneira como estamos dispostos no mundo em relação a nossa afetividade. Essas tonalidades nos colocam em relação com a nada do nosso ser. Podendo ser produtivas ao nos abrir em relação às possibilidades do nosso ser que não possui nenhuma essência a priori e precisa ser sem saber como o fazer.

Dado o exposto em relação a fenomenologia algumas questões ficam como por exemplo: Qual o sentido da vida? Para que nós vivemos? Perguntas essas que quebram com o impessoal e podem nos afinar em relação a autenticidade de nossa existência, visto que a todo momento só eu posso ser quem sou. A própria decisão de retirar a própria vida muitas vezes perpassa por esses questionamentos e exatamente por isso eles se tornam tão necessários.

#### **4 O MODELO BIOMÉDICO**

O trabalho foi feito a partir da abordagem fenomenológica, tendo um modo de entender o suicídio diferente da visão biomédica que vigorou durante muito tempo. Entretanto é necessário entender o modelo biomédico para se colocar as críticas relevantes ao modelo de pesquisa.

O modelo biomédico tem sua origem no Renascimento, a partir do século 16, em uma perspectiva muito racionalista. Esse modelo entende doença como:

“Desajuste ou falha nos mecanismos de adaptação do organismo ou ausência de reação aos estímulos a cuja ação está exposto [...], processo que conduz a uma perturbação da estrutura ou da função de um órgão, de um sistema ou de todo o organismo ou de suas funções vitais” (JENICEK; CLÉROUX, 1982 apud HERZLICH, 2004).

Nessa perspectiva, esse modelo precisou dividir o corpo humano em partes cada vez menores para possibilitar um tratamento que em tese seria melhor. Quando coloca-se esse modelo em relação ao suicídio, essa abordagem entende a morte auto-infligida como negativo sendo necessário um tratamento, que

normalmente é feito por base de medicamentos, haja vista que é entendido que esse tipo específico de morte decorre de algum transtorno de ordem psicológica. Bertolote (2012) coloca por exemplo que a depressão, o alcoolismo, esquizofrenia e alguns transtornos de personalidade são fatores predisponentes a essa morte.

Esse modelo tem sido alvo de diversas críticas principalmente após a reforma sanitária, uma das mais óbvias é a redução do ser humano a apenas o aspecto biológico, sem levar em conta a parte social, reduzindo a um funcionamento mecânico (Barros, 2002). Outra crítica que foi feita por Foucault (1979) é que o cuidado nesse modelo está relacionado com um controle social em relação aos corpos. O que pode ser visto pelo fato do modelo se concentrar muito na figura do médico e do hospital como a cura, não permitindo a autonomia do paciente no seu processo em relação a sua melhora do que quer que esteja acometendo-o.

## **5 A VISÃO DA MORTE E SUICÍDIO NO BRASIL**

### **5.1. Morte e suicídio no Brasil**

Analisar o Brasil como um todo não é fácil devido tanto a seu tamanho territorial quanto populacional e inclusive diferenças regionais. O Brasil, ao longo de sua história, apresenta muita influência de sua colonização e em cada região essa colonização apresenta algumas peculiaridades.

Entretanto, a fé cristã trazida pelos portugueses, franceses e outros europeus que para cá vieram é a fé dominante no país apresenta um modo de ver a morte que influencia os rituais funerários brasileiros até hoje, tanto em regiões rurais quanto urbanas.

Na ótica dessa religião, a morte significaria uma forma de acesso a uma vida eterna, podendo ser um sofrimento eterno caso a alma seja condenada ao inferno, ou uma vida no paraíso.

Esse aspecto pode ser identificado tanto no campo quanto nas cidades brasileiras, nos dois casos é preferível a morte anunciada, no qual a pessoa que faleceu já apresentou alguma doença ou sofrimento.

Esse tipo de falecimento permite a presença de familiares e amigos no preparo do corpo, o que é feito até os dias atuais no campo principalmente por mulheres. Na região rural, esse preparo começa com um banho feito com um sabão com algum cheiro por duas mulheres mais velhas no quarto onde a morte ocorreu.

Após esse banho o falecido é vestido com suas melhores roupas, seu caixão é adornado com flores e água benta é colocado abaixo do pé do falecido.

Esse sofrimento duradouro é visto como necessário, para que todos possam fazer parte desse ritual de passagem. Nesse sentido, Hoffmann-Horochovski (2019) coloca que na colônia Santo Antônio, localizada no Sul do Brasil, a morte repentina ou violenta é considerada inexplicável, principalmente quando se trata de um falecimento de um jovem ou de uma criança.

Nas regiões rurais, o preparo do corpo é feito majoritariamente por mulheres, enquanto a função masculina é encontrar pessoas dispostas a cavar a cova. (Hoffmann-Horochovski, 2019). Demonstrando uma diferença de como cada gênero deve se portar nessa situação.

Além do preparo do corpo, nessa comunidade é comum se tenha um período de 24 horas em que os familiares e amigos fiquem olhando o corpo, é frequente que haja turnos e que seja servido comida e bebida que são ingeridos em silêncio. Caso alguém queira conversar, essa pessoa sai do recinto em que o corpo está e conversa do lado de fora, em geral fala-se da vida do falecido, da comunidade e também se faz algumas piadas com o intuito de tirar um pouco a tensão e o clima ruim daquele momento.

As regiões urbanas apresentam certas diferenças em relação a esse preparo, decorrentes da industrialização e do fato de além de os momentos próximos à morte ocorrerem majoritariamente em hospitais, além da existência dos agentes funerários, que fazem o preparo do corpo.

Nesse tipo de região é comum que alguns ritos que eram comuns estejam cada vez mais se perdendo, como por exemplo, a missa de 1 mês. A missa de sétimo dia, entretanto, continua sendo um rito famoso e que atrai pessoas tanto as que foram a o velório quanto as que não puderam comparecer por algum motivo. As visitas aos túmulos, em geral ficam reservadas ao feriado de finados, não sendo feitas o resto do ano inteiro.

Apesar dessas diferenças, é possível traçar alguns paralelos entre os rituais de morte das regiões rurais e das urbanas no Brasil, nos dois casos a morte é uma passagem para o mundo prometido (paraíso) e o morto continua presente nas rezas e falas dos integrantes do ciclo social mais próximo. Além disso, nos dois casos existem mudanças sociais devido a modernização, transformado a morte em um tabu. Nas palavras de Hoffmann-Horochovski (2019 pág. 258), “a morte se tornou

mais solitária, os rituais foram simplificados e acelerados e as emoções são mais contidas.”

Partindo para o fenômeno da morte auto infligida , é importante colocar que apesar de o Brasil ter uma média de número de suicídios consideravelmente baixo quando comparado com países considerados desenvolvidos. Além disso, o país se encontra entre os 10 países com o maior número absoluto de suicídios, por conta do tamanho de sua população. (WHO, 2014)

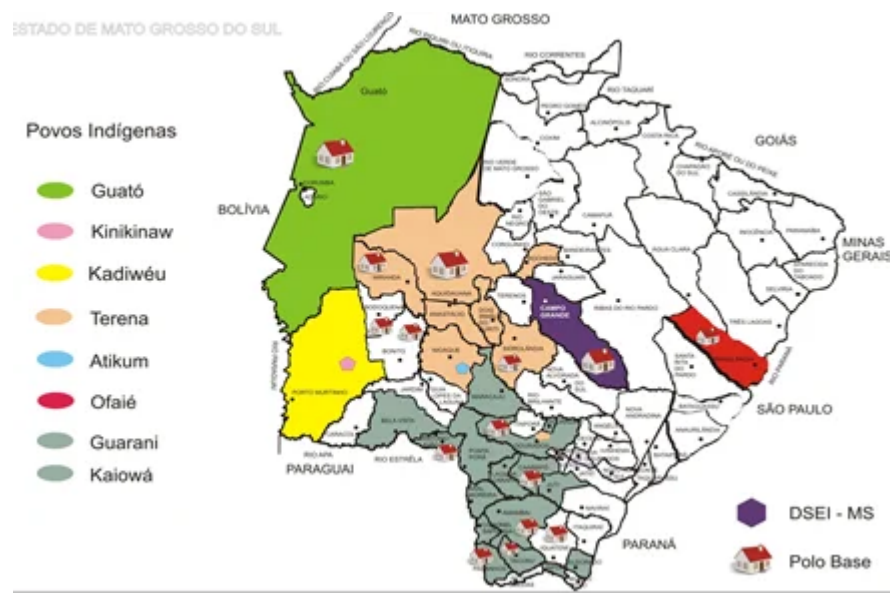
Ao analisar os números divulgados em relação ao suicídio no Brasil, coloca-se a questão do sub-registro das mortes, portanto, os números podem ser bem maior do que os apresentados. De acordo com o IBGE ( apud BERTOLOTE,2012 página 60),cerca de 15,6% dos óbitos que ocorrem no Brasil não são registrados e, dos que o são, 10% são registrados como “causa externa de tipo ignorado”, o que não deixa saber se foram por acidente, homicídio ou suicídio.

Nos anos de 2020 e 2021 devido a pandemia houve uma necessidade de isolamento social, o que foi identificado como um fator de risco em relação a o suicídio. (Thakur & Jain, 2020). Além disso a revisão bibliográfica de Nascimento e Maia 2021 identificou diversos artigos que estudaram a relação da pandemia com o risco de suicídio. Os artigos selecionados pelas autoras dessa revisão colocam que a pandemia exacerbou fatores de risco, além do isolamento social, a pandemia piorou a situação do desemprego, violência doméstica, notícias negativas, acesso restrito aos serviços de saúde entre outros.

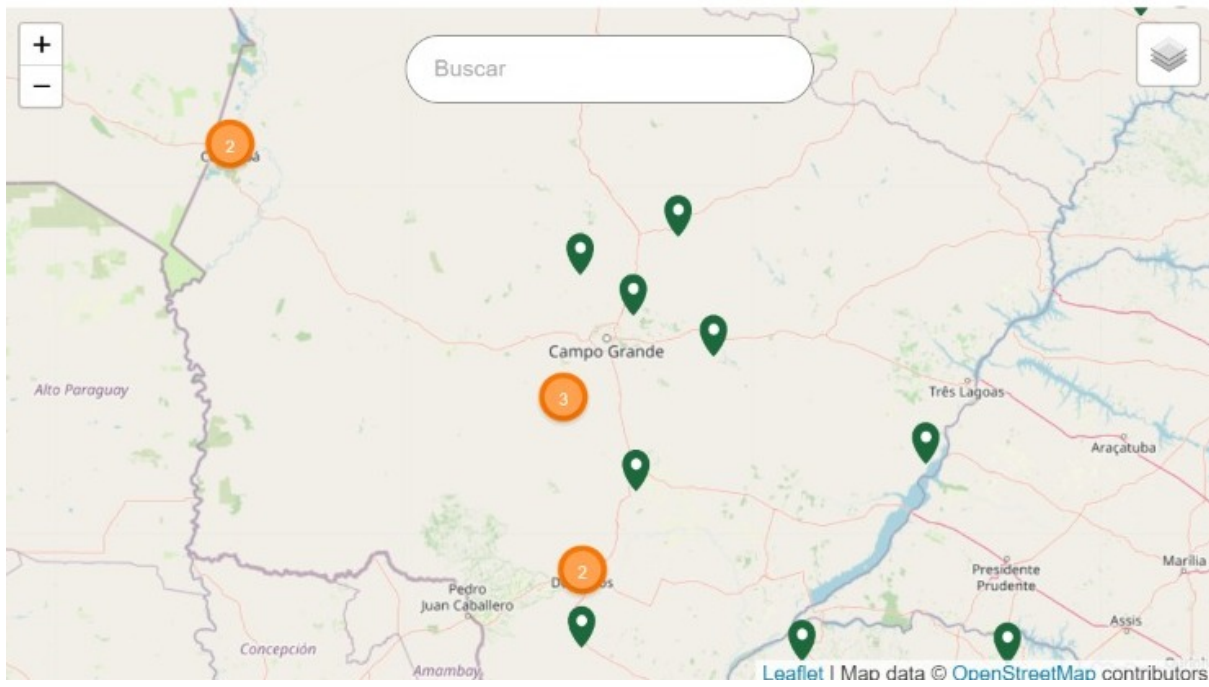
Em relação ao número de suicídios no período de março de 2020 até dezembro do mesmo, Orellana e Souza (2022) colocam que houve uma diminuição de 13% se comparado ao que era esperado no período. Entretanto quando se coloca critérios como faixa etária, região ou sexo biológico, percebe-se um aumento em alguns casos, como por exemplo em homens acima de 60 anos na região teve um aumento de 26%.

## **5.2 Alguns aspectos sobre a etnia guarani-kaiowá**

No caso deste trabalho, o foco será na etnia Guarani-Kaiowá que habita principalmente o estado do Mato Grosso do Sul no Brasil e do lado paraguaio a região leste do departamento de Amambai.



Mapa com a localização de diversas etnias indígenas entre elas, a Guarani-Kaiowá



Mapa com conflitos de população indígena no estado do Mato Grosso do Sul  
O primeiro mapa acima mostra a localização de diversas etnias, entre elas a Guarani-Kaiowa e o segundo coloca a questão dos conflitos existentes no estado do Mato Grosso do Sul. O número 2 no mapa mostra que existem dois conflitos na região de Dourados sendo que um deles tem a presença dos Guarani-Kaiowá, mais abaixo tem um marcador que indica outro conflito pelo qual essa etnia está passando.



O conflito fora da região de Dourados ocorre por uma reivindicação a demarcação de uma Terra Indígena Guyraroká (TI), apesar de já ter uma portaria em 2009 para que a terra fosse demarcada até os dias atuais isso não aconteceu, sendo que as lutas por terras ocorrem há mais de 30 anos.

Na região de Dourados, o conflito existe por ter uma população muito grande de indígenas em pouca terra, o que restringe o acesso dessa população a terras tradicionais. Além disso existe uma pressão do agronegócio sob o Estado para que as terras não sejam demarcadas.

Essa questão dos conflitos tem tido seus reflexos em diversas áreas como cultura, violência, alcoolismo, qualidade de vida e Saúde. Em relação a esse último cabe ressaltar que não tem afetado apenas a saúde física, mas que alguns estudos apontam que os conflitos têm uma relação com o alto número de suicídios dessa população.

### **5.3 A visão do suicídio para os Guarani-Kaiowá**

Em relação ao suicídio indígena no Brasil, Souza (2020) coloca que no período entre 2008 e 2012 esse fenômeno representou 1% de todos os óbitos ocorridos no país, o que representa uma quantidade duas vezes e meia maior se compararmos a população indígena com a população total brasileira.

Ainda sobre esse tópico, Staliano (2019) coloca que o coeficiente de morte por suicídio entre a população foi de 5,5 por 100 mil habitantes, enquanto para a população indígenas esse número chega em 15,2 por 100 mil habitantes.

Existem diversas interpretações que estudos apontam para a explicação desse fato: Primeiramente, é importante ressaltar que a violência que vem acontecendo em relação a esses indígenas, não só fisicamente, mas também em relação a violência estrutural. A violência estrutural decorre da omissão do Estado brasileiro em relação a demarcação de terras, o que historicamente e atualmente resultou em perda de terras tradicionais, nesse sentido aparece o conflito entre garimpeiros e grileiros contra esses indígenas.

Nesse sentido da demarcação de terras é importante ressaltar que os Kaiowá apresentam uma relação muito próxima a terra em que eles estavam e a natureza ao redor deles, tendo inclusive um conceito para essa terra que é o tekoha Braga (2017). O tekoha apresenta um estado de grande importância, visto que é somente nele que se pode exercer o teko, o modo de ser do kaiowá.

A existência do tekoha é marcado por alguns elementos como a própria natureza que além de aspectos físicos marcados pelo modo de produção de comida, de construção de casas, de remédios entre outras coisas é também objeto de relatos e histórias místicas.

Dado o fator da perda de terra, os Guarani-Kaiowá foram forçados a modificar os territórios a partir da relação que eles têm com a terra e é exatamente essa modificação que tem sido resistência e permitido minimamente a perpetuação de algumas práticas culturais.

Outro ponto importante é que a agropecuária tem sido vista cada vez mais como um motor da economia brasileira, o que tem feito com que as terras Kaiowás apropriadas por esses produtores tenham uma justificativa perante a questão econômica e produtiva. E essa apropriação é feita de maneira muito desigual no Brasil visto que em geral esses produtores já apresentam uma grande parcela de terras, enquanto pequenos produtores e os indígenas apresentam dificuldade de acesso. (Pimentel 2012 Pág. 134 a 136)

Outro ponto importante é que a presença de certas instituições modifica o modo de organização e de vida das aldeias. Presença essa que no período da colonização se deu fortemente pela igreja católica em uma empreitada pela catequização indígena, e mais recentemente pela presença de igrejas neopentecostais e protestantes.

Essas instituições modificaram principalmente a religiosidade transformando alguns conceitos místicos Kaiowás em conceitos da própria religião como por exemplo modificarem algumas das divindades kaiowás em santos, anjos ou algo parecido para se aproximar do politeísmo kaiowá.

A segunda interpretação observada foi de entender que por consequência dessas violências sofridas foi havendo um abandono de práticas culturais tradicionais como rituais de passagem e essa perda estaria correlacionada com esse fenômeno segundo Hamlin & Brym (2006). Costa Pereira(1995) vai por outro caminho colocando que a juventude tem o papel de ser porta-voz da causa indígena e a morte auto infligida seria um meio de denunciar todas as violências sofridas pelo seu povo.

Nesse sentido, Brand (2001) relata uma entrevista com lideranças Kaiowá e nessa entrevista Júlio Lopes faz uma fala acerca da influência branca sobre a população Kaiowá: “Nosso sistema mudou, pegamos o sistema do branco. Já começaram a estragar a nossa vivência.” (página 1)

Apesar da existência dessas diversas interpretações, Coloma (2006) coloca que:

The evidence presented in this study points to a recent upsurge in suicide, particularly exacerbated among the young. Yet, our ability to interpret the statistics, understand the meaning of suicide, and how it is communicative (in life and in death) among the Guarani-Kaiowá and Nandeva young is limited. (página 199)<sup>1</sup>

Outro aspecto que se tem levantado como uma possível causa para esse alto número de suicídios é o álcool. Como Erthal (2001), coloca a ingestão de álcool principalmente na população mais jovem se relaciona com um uso em grande quantidade levando a uma perda da razão e por consequência ao suicídio.

Nosso conhecimento é limitado e, portanto, ainda existe a necessidade de entender melhor como a morte e o suicídio é enxergado nessa população. Entretanto, esse mesmo artigo coloca algumas informações importantes em termos culturais que podem auxiliar nessa compreensão.

Passando para uma parte mais cultural, um elemento importante para a análise desse trabalho é a existência de um código de ética chamado Kaiowareko ou jeito de ser Kaiowá que é regido por dois princípios: o teko marangatu e o teko porã. O primeiro princípio pode ser traduzido como jeito de ser, e o segundo se refere à concretização dos comportamentos no sistema Kaiowá. Um ponto importante é que esse código pode ser modificado a partir de algum acontecimento caso alguém se contraponha a algo presente e caso seja entendido que esse contraponto faz sentido.

O primeiro princípio tem uma relação próxima com o sagrado, sendo ele um reflexo do modo de ser dos deuses. Esse modo de ser é acessado por meio de rituais que os sacerdotes fazem e depois passam para a comunidade. A partir disso se traduz também o teko katu, que é o modo de ser razoável do ser humano, e quando o teko katu se transforma, ele transforma o teko marangatu (que pode

---

<sup>1</sup> A evidência apresentada nesse estudo aponta para o aumento recente de casos de suicídio, particularmente exacerbado entre os jovens. Entretanto nossa habilidade para interpretar as estatísticas, entender o significado do suicídio, e como ele é comunicado (na vida e na morte) entre os jovens Guarani-Kaiowa e Nandeva é limitado. (tradução livre do autor)

transformá-lo também) e o teko porã. Pimentel(2006 página 57)

Todos esses princípios são ensinados para a comunidade como um todo, e em relação às crianças a todo momento é lembrado e relembrado algumas virtudes como o amor mútuo (joayhu) e o coração limpo (py'a poti), sendo elas censuradas se mentirem (nde japu), forem agressivas (nde mbarrete)ou não fizerem obrigações ( reko rei.

É importante colocar que esse código é bem presente no cotidiano inclusive tendo um termo com os quais os Kaiowás se identificam em relação a esse código que é ñande reko que se traduz como nosso jeito de ser.

Outro ponto importante em termos culturais é que os Kaiowás acreditam que existe uma ligação entre os seres humanos e todos os seres existentes no universo e cada elemento existente tem um espírito guardião.

Além dessa questão da ligação dos humanos com outros elementos, eles também acreditam na existência de duas almas, uma principal denominada ñe'e que seria a alma espiritual e outra denominada ã, que seria a sombra.

Essa distinção é importante pois o destino dessas almas na morte é diferente, a primeira iria para o local equivalente ao que chamamos de céu, indo o corpo inteiro da pessoa (por conta disso inclusive que a pessoa normalmente é enterrada com todos os seus pertences), a outra alma fica na terra podendo incorporar-se em outros animais ou ficar escondido no mato para assustar pessoas e chamar os parentes para não ficar só, o que pode desencadear um suicídio.

Outro ponto importante em relação a morte colocado por Pael (2019) é que existem três atitudes que essa etnia apresenta em relação à consciência sobre a finitude, sendo elas: medo dos falecidos, conformidade em relação a esse destino e desejo de chegar à Terra sem Males.

A primeira atitude se compreende no sentido que a alma do falecido pode não ir para à Terra sem Males, sendo fadada a andar pela terra, e por se sentir sozinho nesse vagar eterno, ela tenta chamar as pessoas para fazer companhia podendo gerar casos de suicídio. Portanto esse medo se revela como um medo em relação ao qual destino o falecido teve e modo como um possível destino pode afetar o mundo dos vivos.

Para entender a segunda atitude é necessário entender que as atitudes de uma pessoa em vida não definem o local onde irá, pois diferentemente do cristianismo se tudo der certo todos irão para à Terra sem Males, não existindo um

juízo de valor em relação ao falecido. Portanto a conformidade pode ser entendida como um modo de compreender esse destino e não ter um medo da morte.

A última apesar de parecer contraditória em relação a conformidade se refere ao entendimento que os Kaiowá tem de que a Terra sem Males seria um local necessariamente bom e desejável de se estar.

Em relação ao suicídio, Azevedo (1987) coloca que em uma de suas viagens de campo conversou com uma pessoa da etnia Kaiowá acerca do porquê que esse fenômeno ocorria, e a resposta reconhecia o fato de que a pessoa que se matou não queria estar aqui, tendo inclusive um termo para isso que é ohosema o que teria uma tradução livre em “já quer ir”. Essa vontade de ir poderia acontecer por diversos motivos como feitiços (paje vai) lançado sobre a pessoa, uma certa tristeza ( ha'e ovy'ai) ou algum desentendimento em relação a comunidade como um todo.

Ainda sobre a questão do suicídio o mesmo artigo coloca como o suicídio chamado também de Jejuka, é um ato individual que diz respeito a uma crise enfrentada pela pessoa, isso não quer dizer que a comunidade não se importa, visto que essa crise enfrentada por uma pessoa muitas vezes é uma crise encontrada na própria comunidade.

Esse tipo de morte acaba por reafirmar o código social da comunidade, exatamente por colocar em questão a crise que se instaurou e fazer toda a comunidade repensar o que está ocorrendo. Coloca uma necessidade de repensar a vida como ela está ocorrendo.

## **6 ANÁLISE: INTERPRETANDO A CULTURA KAIOWÁ A LUZ DO PENSAMENTO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL**

A análise do fenômeno em determinada etnia e abordagem pretende entender melhor como este modo de ser pode dialogar com alguns conceitos da abordagem fenomenológica existencial heideggeriana. Sabemos que a lógica para entender o suicídio kaiowá não deve vir de uma lógica europeia branca, mas aqui pretendemos traçar um diálogo, pois já que ambas as leituras de mundo têm algo a

nos oferecer sobre a temática morte e suicídio.

Para essa análise, portanto, será feita uma breve retomada de alguns conceitos da fenomenologia heideggeriana como a consciência em relação à própria finitude do *Dasein*, *Dasein* como abertura e o conceito de impessoalidade, já apresentadas no item 3.

O primeiro conceito remete à questão de que nós seres humanos sabemos que um dia morreremos. Esse fator nos leva a sentir culpa e angústia, a primeira referente a um passado que não temos como mudar, mas que sempre pensamos no que poderia ter acontecido caso nossas escolhas tivessem sido diferentes, a angústia se refere a um momento futuro, a questão de termos que fazer escolhas sem saber quais serão as consequências delas.

A consciência pode ser vista em diversos momentos, o mais óbvio talvez seja a própria necessidade de uma explicação do fenômeno da morte. É possível entender que essa necessidade advém da dificuldade de lidar com o fim da vida, visto o sofrimento que a consciência traz.

Além disso, a explicação do destino pós morte dos kaiowá vem com uma promessa de uma Terra sem Males, reduzindo o caráter negativo da morte pelo menos em relação a uma das possibilidades de destino. Inclusive existe um certo sentimento de vontade de chegar a Terra sem Males, embora existam algumas interpretações de que o suicídio pode não levar a esse local.

A outra possibilidade de destino é ficar por aqui vagando, o que pode gerar uma tentativa de se comunicar com os vivos para buscar uma companhia sendo entendido que nesses casos essas almas podem fazer com que as pessoas cometam suicídio. Nesse caso o destino não é algo bom, mas é possível questionar o quanto essa possibilidade não se apresenta como um modo de explicar o fenômeno do suicídio principalmente na história recente em que os números aumentaram.

Um ponto importante para entender a questão da morte e do suicídio para os kaiowás é que existe essa vontade de ir para a Terra sem Males, mas também existe um medo em relação ao falecido e uma certa conformidade em relação ao destino.

O medo do falecido acontece pelo fato citado acima de que ele pode acabar levando algumas pessoas vivas para a morte, portanto, esse medo se revela não em relação à morte em si, mas sim em relação ao falecido.

A conformidade apesar de parecer contraditório visto a vontade de chegar a Terra sem Males acontece pois para os Kaiowás o fato da pessoa ser considerada boa ou ruim não muda necessariamente o destino dela, ao contrário por exemplo da fé cristã em que o destino final é baseado em um julgamento sob as ações em vida. O fato de alguma pessoa ser considerada ruim tem uma relação com a alma dela, não havendo um julgamento moral em relação a isso.

Essas três atitudes em relação à morte demonstram abertamente a questão do ser para a morte, embora o sentimento de angústia se apresenta inicialmente de maneira diferente visto que ele não se expressa em relação ao fenômeno da morte em si mas sim em relação ao que pode acontecer com um falecido e o como as ações do falecido podem influenciar na vida na aldeia.

Outro conceito importante e que pode ser relacionado com alguns conceitos kaiowás é de impessoalidade que para Heidegger se refere ao modo como na dimensão ôntica o *Dasein* é influenciado pelo mundo em relação a sua abertura às possibilidades, ressaltando que essa influência não é feita de forma passiva, sendo assim o Ser-aí pode questionar os seus modos de ser a partir de sua relação com o mundo.

A impessoalidade para os kaiowás pode ser colocada a partir de diversas situações, uma delas sendo a perda de terras. Com essa perda, os kaiowás foram obrigados a mudar algumas práticas dado a falta de espaço ou de elementos necessários para determinados rituais. O conceito de impessoalidade aparece então no modo de como o mundo e sua trama de impessoal influência essa comunidade, nesse caso pode ser considerado negativamente, apesar disso como foi colocado essa influência não é realizada de forma passiva, sendo que além da mudança em alguns aspectos de modo de vida dos kaiowás, também existe a resistência de lideranças indígenas lutando pelo direito à terra.

Outro elemento importante em relação a impessoalidade e a perda das terras é a própria criação da narrativa de como o agronegócio é necessário e importante para o país, sendo isso um modo de justificar a violência sofrida por esse povo. Além disso, essa narrativa esconde alguns fatos propositalmente, como a desigualdade na divisão de terras, e toda essa questão é só mais um modo de enredar nessa trama do impessoal.

Outro aspecto em que esse conceito pode ser observado é na existência do código de ética kaiowá, o kaiowareko, que pode ser entendido como um modo de

organizar a comunidade local. Essa organização é também um jeito de influenciar os indivíduos da comunidade, ou seja, o código pode ser entendido como um elemento da trama do impessoal.

Inclusive, assim como no caso da perda de terras, essa influência não ocorre de maneira passiva. O teko, princípio ético, que fundamenta a vida social na etnia estudada é passível de questionamentos, sendo que a comunidade se mobiliza nesses casos como um todo para avaliar o que necessita ser modificado para melhorar a situação da comunidade como um todo.

Um ponto importante para a análise da impessoalidade é a culturalização sofrida pelos indígenas no Brasil começada na época colonial e que se estende atualmente, no primeiro momento protagonizado pela Igreja Católica e posteriormente pelas igrejas neo pentecostais e protestantes.

Essas igrejas apresentam uma certa visão de mundo em que faz sentido o processo de catequização, visto que já foi justificado que esse processo serviria para salvar as almas desse povo. Entretanto, é possível dizer que o processo é em si violento visto inclusive a existência de uma cosmovisão kaiowá em que essa pretensa salvação não é necessária.

O terceiro conceito é o de *Dasein* como abertura diz respeito ao modo como o Ser-aí está sempre aberto às possibilidades compreensivas do mundo, se constituindo sempre a partir da sua relação com outros seres humanos. Nesse sentido o *Dasein* não apresenta nenhuma essência a priori, sendo livre para se questionar sobre o próprio sentido de seu ser.

Ao analisar o modo como os Kaiowá enxergam o que denominamos suicídio, a fala aparece em um tom de colocar que a morte auto infligida é uma possibilidade de ser daquele que se matou. Existem diversas razões que buscam para analisar o fato de alguém ter morrido inclusive levantando a questão da feitiçaria, mas como a existência do próprio termo ohosema já coloca a possibilidade de alguém querer ir para o outro mundo, mesmo que possa vir a ter a interpretação de que não era sua hora.

A questão do código de ética ou kaiowáreko também pode ser entendida a partir desse conceito, visto que o próprio código vai se constituindo a partir das relações estabelecidas na comunidade. E dado que o *Dasein* é entendido como aberto às possibilidades, as mudanças na código são influenciadas pelo modo como os *Daseins* na comunidade Kaiowá estão experienciando o mundo.



Ainda sobre o suicídio, um aspecto interessante para se notar nessa aproximação fenomenológica é a existência das diversas explicações em relação a esse fenômeno, o que demonstra uma necessidade de tornar o fenômeno menos angustiante, de certo modo as explicações são um modo de transformar essa angústia em relação a morte em um temor ôntico.

## **7 CONSIDERAÇÕES PARA PESQUISAS FUTURAS**

Dada a possibilidade do fenômeno se abrir de diferentes maneiras, seria interessante pesquisar mais o suicídio nessa etnia de uma perspectiva ainda mais aproximada da visão kaiowá. Essa pesquisa pretendeu apresentar um possível modo de se olhar para o suicídio a partir de uma visão transcultural, o que deve permitir um acesso a um desvelamento diferente do que o modelo biomédico padrão.

Para finalizar o trabalho é importante ressaltar que a etnia indígena estudada apresenta, assim como muitas outras etnias, uma relação muito próxima com a terra. E essa relação está cada vez mais se esvaindo por conta dos ataques sofridos por esse povo.

Os ataques ocorrem tanto por meio da violência física como da violência estrutural. A primeira é praticada principalmente por garimpeiros e grande pecuaristas que visam o domínio da terra destinada a esse povo, fato esse que tem se intensificado desde 2019, e tende a piorar por conta do desmonte da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). A segunda violência sofrida ocorre pelo Estado brasileiro, tanto historicamente quanto atualmente, e vai desde a demarcação de terras para reservas que foi insuficiente dado o número de indígenas até o próprio desmonte da FUNAI e a falta de fiscalização.

Os resultados desse encontro transcultural podem ajudar profissionais que trabalham com essa população a entender melhor a cosmovisão deles a partir de um paradigma mais conhecido que é o da fenomenologia. Ressaltando que o resultado do encontro é para entender e não colocar uma visão acima de outra.

## 8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Azevedo, M. M. (2009). JEJUKA - Suicídio entre os Kaiowá. *EDUCAÇÃO E FILOSOFIA*, 3(5/6), 115–124. Recuperado de <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/1919>

Barros, J. A. C. Pensando o processo saúde doença: a que responde o modelo biomédico? *Revista Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 1-11, jan./jul. 2002.

BERTOLETE, José. O suicídio e sua prevenção. [S. l.]: Unesp, 2012. 138 p. ISBN 9788539303717.

Brand, Antonio e Vietta, Katya “Vista Do Visões Kaiowá Sobre Os Suicídios.” Ucdb.br, 2001, [www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/20/19](http://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/20/19). Acessado em 30 Maio 2022. (Original publicado em 1927).

Coloma, Carlos; Hoffman, Joan Serra; Crosby, Alexander (2006). Suicide Among Guarani Kaiowá and Nandeva Youth in Mato Grosso do Sul, Brazil. *Archives of Suicide Research*, 10(2), 191–207. doi:10.1080/13811110600662505

“Death across Cultures.” Edited by Helaine Selin and Robert M. Rakoff. *Science across Cultures: The History of Non-Western Science*, Cham, Springer International Publishing, 2019, pp. 243–260, [link.springer.com/book/10.1007/978-3-030-18826-9](https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-030-18826-9). Accessed 13 May 2022.

Foucault, Michael. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Heidegger, M. (2005). *Ser e Tempo*. 15a ed. Petrópolis: Vozes

Herzlich, C. Saúde e doença no início do século XXI: entre a experiência privada e a esfera pública. *Physis: revista de saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 383-394, 2004

Júnior, Oswaldo. “Vista Do a Visão Da Morte Ao Longo Do Tempo.” *Revistas.usp.br*, 2005, [www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/418/419](http://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/418/419). Accessed 13 May 2022.

Nascimento, Alice, and Juliana Maia. “View of Suicide Behavior in Pandemia by COVID-19: General Overview.” *Rsdjournal.org*, 2022, [rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/15923/13641](https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/15923/13641). Accessed 8 June 2022.

“MS - O Martírio de Um Grande Povo - Identidade, Afirmação E Reconhecimento Dos Direitos E Terras Dos Guarani-Kaiowá - Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental E Saúde No Brasil.” *Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental E Saúde No Brasil*, 2 Oct. 2018, [mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ms-o-martirio-de-um-grande-povo-identidade-afirmacao-e-reconhecimento-dos-direitos-e-terras-dos-guarani-kaiowa/](http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ms-o-martirio-de-um-grande-povo-identidade-afirmacao-e-reconhecimento-dos-direitos-e-terras-dos-guarani-kaiowa/). Accessed 10 June 2022.

“MS - Povos Indígenas Guarani-Kaiowá Lutam Por Demarcação Da TI Guyraroká - Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental E Saúde No Brasil.” Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental E Saúde No Brasil, 28 Sept. 2018, [mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ms-povos-indigenas-guarani-kaiowa-lutam-por-demarcacao-da-ti-guyraroka/](http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ms-povos-indigenas-guarani-kaiowa-lutam-por-demarcacao-da-ti-guyraroka/). Accessed 10 June 2022.

Orellana, Jesem Douglas Yamall, and Maximiliano Loiola Ponte de Souza. “Excess Suicides in Brazil: Inequalities according to Age Groups and Regions during the COVID-19 Pandemic.” *International Journal of Social Psychiatry*, 27 May 2022, p. 002076402210978, [journals.sagepub.com/doi/10.1177/00207640221097826?url\\_ver=Z39.88-2003&rfr\\_id=ori:rid:crossref.org&rfr\\_dat=cr\\_pub%20%20pubmed](https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/00207640221097826?url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori:rid:crossref.org&rfr_dat=cr_pub%20%20pubmed), 10.1177/00207640221097826. Accessed 9 June 2022.

PIMENTEL, Spensy. *Sansões e Guaxos Suicídio Guarani e Kaiowá – Uma Proposta de Síntese*. 2006. Dissertação (Mestrado Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, [S. l.], 2006. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp025699.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

Souza RSB, Oliveira JC, Alvares-Teodoro J, Teodoro MLM. Suicídio e povos indígenas brasileiros: revisão sistemática. *Rev Panam Salud Publica*. 2020;44:e58. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2020.58>

Souza, Maximiliano Loiola Ponte de, and Luciane Ouriques Ferreira. “Jurupari Se Suicidou?: Notas Para Investigação Do Suicídio No Contexto Indígena.” *Saúde E Sociedade*, vol. 23, no. 3, Sept. 2014, pp. 1064–1076, [ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/bitstream/bvs/1119/2/947655658.pdf](https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/bitstream/bvs/1119/2/947655658.pdf), 10.1590/s0104-12902014000300026. Acessado 4 Out. 2021.

Staliano, Pamela, et al. “Onde E Como Se Suicidam Os Guarani E Kaiowá Em Mato Grosso Do Sul: Confinamento, Jejuvy E Tekoha.” *Psicologia: Ciência E Profissão*, vol. 39, no. spe, 2019, [www.scielo.br/j/pcp/a/VSG67J3J3rRrX87H5bS3hQJ/?lang=pt#:~:text=A%20eminente%20maioria%20\(95%25\),e%20a%20inser%C3%A7%C3%A3o%20econ%C3%B4mica%20marginal.](http://www.scielo.br/j/pcp/a/VSG67J3J3rRrX87H5bS3hQJ/?lang=pt#:~:text=A%20eminente%20maioria%20(95%25),e%20a%20inser%C3%A7%C3%A3o%20econ%C3%B4mica%20marginal.,), 10.1590/1982-3703003221674. Acessado 27 Maio 2022.

THAKUR, Vikram; JAIN, Anu. COVID 2019-suicides: A global psychological pandemic. *National Library of Medicine*, [s. l.], 23 abr. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE INSTITUTO de CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA CURSO de GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS KIANE SANTOS BRAGA JEJUVY: PARA ALÉM DA ANOMIA SOCIAL INTERPRETAÇÕES GUARANI KAIOWÁ SOBRE O SUICÍDIO. 2017.

Violência Contra Os Povos Indígenas No Brasil DADOS de 2016.

World Health Organization. *Preventing Preventing Suicide Suicide a Global Imperative a Global Imperative*. 2014.

